

“*Biantong*” – adaptação: uma peculiaridade da cultura chinesa

David Jye Yuan Shyu

Professor aposentado da Universidade de São Paulo
xujyeyuan@usp.br

Pedro Regis Cabral

Guangdong University of Foreign Studies (GDUFS), Guangzhou, China
pedrorcabral@hotmail.com

Resumo: Pretendemos apresentar brevemente ao público brasileiro o conceito chinês de “*biantong*” (“adaptação” ou ainda “flexibilidade”), como tal conceito influenciou o pensamento, a cultura, os valores e a política chinesa desde a antiguidade até a China atual. Focaremos a antiguidade clássica chinesa e o período das Reformas de Abertura pós Mao Zedong. Para tanto faremos uso, sobretudo, de trechos dos clássicos confucianos, Han Feizi e citações de Deng Xiaoping.

Palavras-chave: adaptação, Confucionismo, Deng Xiaoping, socialismo com características Chinesas

“*Biantong*” – adaptation: a peculiarity of the Chinese culture

Abstract: We aim to introduce briefly the Chinese concept of “*biantong*” (“adaptation” or “flexibility”) to the Brazilian public, how such concept has influenced Chinese thought, culture, values and politics, from antiquity to nowadays China. We pretend focus on classical Chinese antiquity and post Mao Zedong Opening Reforms. For this purpose, we shall use excerpts from the Classics of Confucianism, Han Feizi and quotes from Deng Xiaoping.

Keywords: adaptation, Confucianism, Deng Xiaoping, socialism with Chinese characteristics.

易，穷则变，变则通，通则久。

Mutação, qualquer circunstância, atingindo um limite, começará a mudar. A adaptação, por sua vez, leva a um estado livre e, então, à continuidade)

- Yijing¹ (Guo Yu, 2007, p. 381, Xici II, 《易经-系辞》)

“O tempo é relativo e não pode ser medido exatamente do mesmo modo e por toda a parte.”

(Albert Einstein, *apud* Simões, 1986, p. 108)

¹ Livro das Mutações (“Yijing” ou “I-Ching”).

1 Introdução

Em 15 de março de 2005, o repórter da BBC, Roberto Lustig, enviou uma reportagem de *Shànghǎi* (Xangai); no último parágrafo, afirmou:

A China é a terra dos contrastes e contradições, onde quer que você olhe. Um partido comunista gerindo uma economia capitalista, uma cultura antiga se adaptando para se tornar um milagre econômico de alta tecnologia. Enigmática, fascinante, intrigante, desnordeante. (Lustig, 2005)

Este é um dos incontáveis artigos sobre a China que frequentemente apresentam este fenômeno em comum: o sentimento de que as mudanças da China são muito difíceis de compreender. Chegam até mesmo a demonstrar perplexidade. Entendemos que isso é causado pelas divergências entre nações e culturas diferentes; mas, se esse estranhamento só permanece na fase de perplexidade, talvez isso não seja um problema tão grave; mas se a perplexidade gerar desentendimentos, e pelos desentendimentos forem gerados conflitos, ou seja, o chamado “choque de civilização”, então é uma grande infelicidade para a humanidade.

Neste trabalho tentaremos, a partir de obras clássicas da China, extrair trechos ou frases que sejam familiares ao ouvido do chinês pela sua frequente repetição. Neste processo observamos que para o povo chinês, desde a antiguidade, existe certa forma de pensamento disseminado da “adaptação flexível”, ou seja, uma forma de “pensamento dialético”.

2 O “pensamento da adaptação” nos escritos clássicos da China

Primeiramente, vamos ver um trecho do livro de Mêncio (孟子 *Mèngzǐ*):

Chún Yúkūn perguntou: “É um rito que homens e mulheres não devam permitir que suas mãos se toquem ao dar e receber objetos? *Mèngzǐ* disse: “É um rito.” *Chún Yúkūn* perguntou: “Se a cunhada cai na água, o cunhado pode salvá-la com sua própria mão?” *Mèngzǐ* respondeu: “Não salvar a cunhada que está se afogando, é [próprio de] uma besta selvagem. Que homens e mulheres não devam permitir que suas mãos se toquem ao dar e receber objetos, é rito; se a cunhada está se afogando e [o cunhado] a salva com sua própria mão, isto é agir com flexibilidade”. (Qi Liangde & Ma Qingjuan, 2009, p. 65, *Mêncio*, *Lilou I*)²

A China antiga é uma sociedade extremamente atenta ao “rito” (禮 *lǐ*). O confucionismo (儒家 *Rújiā*) acredita que os ritos são as leis fundamentais que mantêm o funcionamento das relações interpessoais. Portanto, as relações entre monarca e súditos, pais e filhos e entre amigos têm “ritos cerimoniais”, os quais devem ser observados de forma que a nação, a sociedade e a família possam se desenvolver harmoniosamente. Mas o entendimento sobre o rito não é igual para todos, assim, na prática há as consequências da diferença entre a leniência de um lado e a rigidez de outro. No período feudal, por causa das demandas da dominação, as classes dominantes frequentemente tomavam o “rito” e o exageravam sem limites (absolutização), e é difícil evitar que o resultado seja o contrário do pretendido, em outras palavras, resultado negativo. O que Mêncio quer dizer é que na prática do rito se deve entender o “ajustar-se às mudanças” e se deve ser capaz de uma “aplicação flexível”, do contrário, seremos dogmáticos. Usando linguagem moderna, o “rito” é simplesmente um “princípio”; “ajustar-se às mudanças” é “adaptabilidade” e é “aplicação flexível”; na prática de um princípio, se não se compreende a “adaptabilidade”, ele se transforma em “dogmatismo” e até mesmo em “fundamentalismo”.

² 淳于髡曰：“男女授受不亲，礼与？”孟子曰：“礼也。”曰：“嫂溺则援之以手乎？”曰：“嫂溺不援，是豺狼也。男女授受不亲，礼也；嫂溺援之以手者，权也。”(*Mèngzǐ · Lilou I* / 孟子·离娄上).

“Nenhum contato físico entre um homem e uma mulher”³ é uma forma de rito e também é um princípio fundamental; no geral, entre homem e mulher (exceto entre marido e a sua esposa) não deve haver contato físico, o que é “rito” e é “princípio”, mas se se deparar com uma situação em particular, por exemplo, a expressa acima no artigo (a cunhada cai na água e corre o risco de morrer afogada), se o cunhado insistir em não haver contato físico (e não usar sua mão para salvá-la), então isso seria assistir alguém morrer sem tentar ajudar, o que é desumano. Por isso Mêncio diz: “Não salvar a cunhada que está se afogando, é [próprio de] uma besta selvagem” (Qi Liangde & Ma Qingjuan, 2009, p. 65)⁴ – “besta selvagem” traduzido literalmente é “chagal e lobo” (豺狼 *cáiláng*), que em chinês indica uma pessoa bruta. Em português se usa a expressão “animal” (figurativa).

Os que não sabiam “adaptar-se às circunstâncias” eram considerados *yūfǔ* (迂腐, “livresco” / “idiota estudioso”), dogmáticos. Não só são criticáveis, como são risíveis. Na história da China não faltam sátiras ao dogmatismo. Sabemos que o pensamento central de Confúcio é “benevolência” (仁 *rén*). Em *Hán Fēizi* (韩非子)⁵ há uma história sobre a sátira à “benevolência”. Segue a ideia geral:

O Reino de *Sòng* (宋) e o Reino de *Chǔ* (楚) estavam em guerra. *Sòng Xiānggōng* (宋襄公 650 a.C. – 637 a.C.) foi aconselhado pelo seu chefe do estado maior a aproveitar o fato das tropas de *Chǔ* estarem cruzando o rio para iniciar o ataque. *Sòng Xiānggōng* respondeu: “Ouvi dizer que um cavaleiro não machuca alguém já ferido, não aprisiona um velho com cabelos brancos, nem desafia para a batalha tropas que ainda não foram bem dispostas. Agora as tropas de *Chǔ* ainda não atravessaram o rio. Se as atacasse, feriria a moralidade e a justiça. Melhor esperar o exército de *Chǔ* terminar de atravessar o rio, e então lançar o ataque” (Liu Li & Ji Lingyun, 2007, p. 59). Aconteceu que o exército de *Sòng* foi derrotado e *Sòng Xiānggōng* foi ferido, morrendo três dias depois pelos seus ferimentos. Daí a origem das expressões idiomáticas chinesas, “benevolência de *Sòng Xiānggōng*” (宋襄公之仁 *Sòng Xiānggōng zhī rén*) ou “benevolência de mulher” (妇人之仁 *fūrén zhī rén*).

Há na China, desde a antiguidade, uma excessiva e injusta crítica ao código ético confuciano, isso porque, ao longo da história, na cultura chinesa tradicional os governantes e certos intelectuais exageram sem limites “as leis e os ritos”; além disso, definitivamente, a crítica de alguns falta com razão objetiva. No começo do século passado, durante o Movimento da Nova Cultura (新文化运动 1919), havia um número ainda maior de intelectuais chamando o código de ética confuciano de “ética do canibalismo” (吃人的礼教). Na verdade, nesta crítica há uma enorme incompreensão, e quanto ao entendimento da cultura tradicional chinesa, não é suficientemente abrangente. Além do diálogo de Mêncio anteriormente citado, no confucionismo e em outras obras clássicas chinesas, pode-se ainda observar muitos discursos que enfatizam o “adaptar-se às circunstâncias”. Citamos algumas sentenças confucianas, por exemplo:

Nos *Lúnyǔ* (论语 *Analectos*) Confúcio diz (nossa tradução): “Um cavaleiro, quanto às questões do mundo, não tem preconceitos sobre o que se deve e o que não se deve fazer. Adaptar-se-á à moralidade e justiça” (Zhang Yanying, 2006, p. 44, *Analectos*, 4.10)⁶; o “não tem preconceitos sobre o que se deve e o que não se deve fazer”⁷, é uma forma de pensamento “adaptável”. Quando se lida com um objeto flexível, a “adaptação flexível” pode encontrar o

³ 男女授受不亲 *nánnǚ shòushòu bùqīn*

⁴ 嫂溺不援, 是豺狼也。 *Sǎo nì bù yuán, shì cáiláng yě.*

⁵ *Han Feizi*, título de uma obra de *Han Fei* (281-233 a.C.), um legalista famoso durante a época do Estados Combatentes.

⁶ 君子之于天下也, 无适也, 无莫也, 义之与比。 - *Lúnyǔ · Lǐrén*, 论语 · 里仁

⁷ 无适也, 无莫也 *wú dí yě, wú mò yě*

método correto. Mas mesmo que o método de trabalho possa ser adaptável, algumas coisas não o são, isto é, a “justiça” (义yì).

No *Mèngzǐ* (Mêncio Cap. 1): “Quanto a um cavalheiro, não necessariamente se pode acreditar no que ele diz, o que ele faz não necessariamente dá frutos, ele só fala e faz o que é justo” (Qi Liangde & Ma Qingjuan, 2009, p. 71).⁸ Confúcio e Mêncio reconhecem que a “justiça” (义yì) é o critério mais elevado para se julgar qualquer comportamento como certo ou errado.

Além disso, nos “*Analectos · Wèilínggōng*” (论语·卫灵公) “O cavalheiro é probo, e não obstinado” (Zhang Yanying, 2006, p. 246, *Analectos*, 15.37).⁹ O sentido é: um cavalheiro defende ferrenhamente o que é correto, e não se atém a trivialidades. A explicação de *Kǒng Ān’guó* é: “Para o cavalheiro, o que mais importante é a justiça (正道 zhèngdào = 义yì), e sobre a palavra, não se agarra às minúcias” (He Yan, 2001, p. 247).¹⁰

Mas por que quanto ao *jūnzǐ*, (君子 cavalheiro, e o “大人” de Mêncio aponta para uma pessoa de mesmo estrato social) “não necessariamente se pode acreditar no que ele diz, o que ele faz não necessariamente dá frutos?” Nos *Analectos · Zǐlù* (论语·子路), Confúcio divide os *shì* (士, elite) em três classes (Zhang Yanying, 2006, p. 196), dentre as quais a terceira é a dos que: “ao falar são confiáveis e o que fazem dá frutos”, os quais Confúcio chamou “homens inferiores” (小人 xiǎorén). Em outras palavras, os que “ao falar são confiáveis e o que fazem dá frutos” são tão somente os “homens inferiores”, o cavalheiro deve ter uma justiça superior a este “o que faz dá frutos”; é exatamente o que foi dito anteriormente por *Kǒng Ān’guó*.

Durante os períodos de “Primavera e Outono” (722 a.C. – 481 a.C.) e dos “Estados Combatentes” (424 a.C. – 221 a.C.), *jūnzǐ* (君子, cavalheiro) designava estudiosos e a classe dos intelectuais, ou seja, “elite”; geralmente também designava os que entram no serviço público. Em oposição, *xiǎorén* (小人 homem inferior) designava o homem comum e também o homem sem um nível elevado de cultura.¹¹ Quanto ao povo deste estrato social, se “ao falar são confiáveis e o que fazem dá frutos”, eles já estão num nível moral muito bom; mas, quanto à classe da elite, que deve suportar a responsabilidade de liderar, ela encara as mutações de circunstâncias num átimo, e deve possuir uma inteligência sensível para a adaptação flexível, do contrário, não possuirá as qualificações de um líder. No livro de outro confucionista, *Xúnzǐ* (荀子 313 a.C. – 238 a.C.), se lê: “[Tendo-se] moral e ética, depois se pode ser firme; sendo firme, então se saberá agir de acordo com as circunstâncias; quem pode ser firme e ajustar-se às mudanças, este é um cavalheiro perfeito” (Zhang Jue, 2006, p. 9, *Xúnzǐ*, 1.15).¹²

3 A adaptação e o tempo

Em *Zhōngyōng* (中庸 Doutrina do Meio): “O cavalheiro é moderado, o vilão viola a moderação; o cavalheiro é moderado porque pratica a moderação em todos os momentos; o vilão contraria a doutrina da moderação, porque é sem escrúpulos, e faz tudo o que quer” (Wang Guoxuan, 2006, p. 49, *Doutrina do Meio*, capítulo 2).¹³ “时中” (*shízhōng*) é estar de acordo com a situação real do desenvolvimento das coisas e do período para se dominar seu caminho de

⁸ 大人者，言不必信，行不必果，惟义所在

⁹ 君子贞而不谅 *jūnzǐ zhēn ér bù liàng*

¹⁰ 君子之人，正其道耳，言不必小信 *jūnzǐ zhī rén, zhèng qí dào ěr, yán bù bì xiǎoxìn*

¹¹ Na China antiga, especialmente nos dias de Confúcio e Mêncio, o “homem inferior” talvez equivalha a “idiótes” (idiota), ou no mínimo são expressões muito próximas. No *Dicionário novo Aurélio* (Ferreira, 1999, p. 1072): Do gr. Idiótes, homem privado (em oposição a homem de Estado)... Mais tarde tanto “homem inferior” quanto “idiota” passaram a ser expressões frequentemente pejorativas.

¹² 德操然后能定，能定然后能应。能定能应，夫是之谓成人。 *Décāo ránhòu néng dìng, néng dìng ránhòu néng yìng. Néng dìng néng yìng, fū shì zhī wèi chéng rén.* 《荀子·劝学》

¹³ 君子中庸，小人反中庸。君子之中庸也，君子而时中；小人之反中庸也，小人而无忌憚也

moderação correspondente; “無忌憚” (*wújìdàn*), ao contrário, significa não se importar com os padrões objetivos do desenvolvimento das coisas e da época em que se está, e se apoiar no egoísmo da própria subjetividade, comportar-se sem escrúpulos, sem princípios, sem evitar os extremos dos erros por excesso ou por omissão. Este parágrafo explica exatamente que, para se entender os princípios do Tao, deve-se tomar parte no desenvolvimento dos tempos e se deve se adaptar aos tempos. É ainda como foi escrito no *Yìjīng* (易经): “De acordo com a situação, deve-se parar quando é tempo de parar, deve-se agir quando é hora de agir; ação e repouso não perdendo o seu próprio tempo, o seu futuro será brilhante” (Guo Yu, 2007, p. 274, *Yi Jing*, 52).¹⁴

A “mudança” se dá por causa do “tempo”, ou seja, as políticas nacionais e os conceitos devem seguir o “desenvolvimento da história”, encarar épocas e ambientes diferentes e mudar.

Confúcio e Mêncio sublinharam fortemente o conceito de “tempo”. Eles reconheciam que todas as coisas têm seu tempo para se adaptar. Confúcio reconhecia que os ritos de *Xià* (夏), *Shāng* (商) e *Zhōu* (周) se adaptaram conforme suas respectivas épocas. Portanto, no *Yìzhuan* (易传·系辞 *Yìzhuan·Xìcí*) se diz: “A adaptação é de acordo com o tempo” (Guo Yu, 2006, p. 378, *Yizhuan*, Xici II).¹⁵

Durante uma conversa entre Confúcio e *Zǐzhāng* (子张), Confúcio disse: nas sucessões entre de *Xià*, *Shāng*, *Zhōu*, nas suas respectivas instituições (incluindo os ritos), está claro o que era seguido, o que era reformado (ou eliminado) e o que eram inovações (Zhang Yanying, 2006, p. 289-302, *Analectos*, 19).

Esta é a origem expressão chinesa “*yīn gé sǔn yì*”. Aqui, gostaríamos de fazer uma curta explicação para o melhor entendimento dos leitores (Zhang Yanying, 2006, pp. 289-302, *Analectos*, 19):

- *yīn* (因): seguir, copiar; quer dizer, continuar o sistema anterior.
- *gé* (革): abolir, eliminar; em chinês, a palavra *gé*, além de significar abolir, eliminar, (como “*géchú*” 革除), também tem o sentido de reformar ou renovar (como “*gǎigé*” 改革 e “*géxīn*” 革新).
- *sǔn* (损): diminuir, desgastar-se; como antônimo de *yì* (益).
- *yì* (益): acrescentar, aumentar; por isso, também tem o sentido de criar e inovar.

Quer dizer, em outras palavras, que, pelo processo histórico, o sistema de cada período basicamente continuar o que lhe era anterior era considerado normal, mas também há muitas coisas que precisam ser mudadas ou reformadas, até eliminadas, e em épocas novas as pessoas também criam coisas novas que se adaptam à nova situação.

Mêncio disse: “Um cavaleiro não culpa o Céu, nem se queixa das pessoas” (Qi, Liangde & Ma Qingjuan, 2009, 40)¹⁶, mas ele também disse: “Esse foi um tempo, e este é outro” (*ibid.*)¹⁷, quer dizer, circunstâncias mudam com o passar do tempo. Aqui “não culpa o Céu, nem se queixa das pessoas” é a normalidade, mas em épocas diferentes, encontrando-se situações especiais, deve-se mudar de atitude.

Ele enfatiza que a importância do “tempo”, em outras palavras, o progresso do desenvolvimento histórico, tem uma influência decisiva sobre todas as coisas. Este tipo de pensamento está na China antiga; além do confucionismo, *Hán Fēi*, no período dos Estados Combatentes, também reconhecia que a história está em desenvolvimento e progresso incessantes. Assim ele disse: “Esta é a razão pela qual o sábio não procura seguir os caminhos dos antigos, nem estabelece

¹⁴ 时止则止，时行则行，动静不失其时，其道光明 *Shí zhǐ zé zhǐ, shí xíng zé xíng, dòng jìng bù shī qí shí, qí dào guāngmíng*

¹⁵ 变通者，趋时者也 *Biàntōngzhě, qūshízhě yě*

¹⁶ 君子不怨天，不尤人 *Jūnzǐ bú yuàn tiān, bù yóu rén*

¹⁷ 彼一时，此一时也 *Bǐ yìshí, cǐ yìshí yě*

qualquer padrão fixo para todos os momentos, mas examina as coisas de sua era e, em seguida, se prepara para lidar com elas” (Chen Bingcai, 2007, p. 267).¹⁸ Acrescentou, “Agora, supondo que alguém queira governar o povo da era atual com as políticas dos reis antigos, ele estaria fazendo exatamente a mesma coisa que o homem que olhava a árvore” (Chen Bingcai, 2007, p. 272).¹⁹

4 “Socialismo chinês”: uma prática adaptável.

Na década de 50 até a década de 70 do século passado, a China experienciou um catastrófico “Período de Dificuldade”. As políticas de abertura e reforma de *Dèng Xiǎopíng* (邓小平) tiraram a China de uma situação difícil e puseram o país nos trilhos do desenvolvimento. O pensamento reformador de *Dèng* também incorporava largamente o pensamento tradicional de “adaptar-se às circunstâncias”.

Quanto à questão das reformas e abertura da China, muitos ocidentais, até mesmo alguns chineses, acreditam que uma vez que a China adotou a economia de mercado, ela se tornou capitalista, e não mais socialista. Isso é porque não compreendem a lógica do pensamento tradicional chinês.

Em agosto de 1980, Oriana Fallaci, uma repórter italiana, durante uma entrevista com *Dèng Xiǎopíng*, perguntou: “Você acredita que o capitalismo é mau?” *Dèng Xiǎopíng* respondeu: “Tem coisas que não se pode dizer que são capitalistas, [...] Nós estudamos as tecnologias avançadas, a ciência avançada, as técnicas de gerenciamento avançadas para que sirvam ao socialismo; estas coisas não têm natureza classista por si só”. Disse ainda: “O capitalismo já tem alguns séculos de história. Deveríamos abraçar e estudar a ciência e a tecnologia desenvolvidas pelos povos de cada país sob o sistema capitalista, e todas as formas de experiências e conhecimentos vantajosos acumulados” (Deng Xiaoping, 1975-1982, vol. 3, p. 154).

Quanto à questão da economia planificada e economia de mercado, ele frequentemente se repetia: “O socialismo pode gerenciar uma economia de mercado, o capitalismo também tem planejamento. Em períodos de ajustes podemos reforçar ou aumentar o planejamento, e outros períodos, podemos regular mais o mercado, enfim, gerenciar de forma mais flexível” (Deng Xiaoping, 1975-1982, vol. 3, p. 306).

Ele já havia dito de forma franca:

Nós no passado continuamente lidamos com a economia planificada, mas muitos anos de prática provaram que, em certo sentido, só fazer economia planificada pode restringir o desenvolvimento das forças produtivas. Combinando economia planificada e de mercado, podemos liberar as forças produtivas e acelerar o desenvolvimento da economia. (Deng Xiaoping, 1975-1982, vol. 3, pp. 148-149).

Para entender bem o pensamento de “adaptar-se às circunstâncias” que influenciou *Dèng Xiǎopíng*, vale a pena citar um provérbio origem da sua terra natal – Província *Sìchūān* (四川): “não importa se o gato é amarelo ou preto, se ele souber capturar o rato, será considerado um

¹⁸ 是以圣人 不期修古，不法常可，论世之事，因为之备 *Shì yì shèngrén bù qī xiūgǔ, bù fǎ chángkě, lùn shì zhī shì, yīn wèi zhī bèi*

¹⁹ Referência ao protagonista da fábula “*Shǒuzhū dàitù*” (tradução literal: Guardar a árvore para esperar o coelho), um agricultor extremamente estúpido. Em uma ocasião, ele viu um coelho que ao correr se chocou contra uma árvore e morreu; o agricultor, então, pegou o coelho e o levou para aproveitar sua carne; desde então, ele não foi mais trabalhar no campo: todos os dias ele ficava sentando ao lado da árvore esperando um coelho se chocar contra a árvore. No fim das contas, ele nunca mais viu nenhum coelho, e suas terras ficaram abandonadas (Chen Bingcai, 2007, p. 272).

bom gato” (Li & Liang, 1994, p. 41).²⁰ No início das reformas e abertura, ao discutir sobre socialismo e capitalismo, ele fazia uso de outra expressão cuja origem se deu da seguinte forma: em fevereiro de 1992, durante visita a uma fábrica em *Shànghǎi* (Xangai), quando lhe foi apresentada uma máquina moderna, ele perguntou: “O sobrenome desta máquina é *Shè* ou *Zī*?” Quando ouviram a pergunta de *Dèng*, todos os que o acompanhavam se assustaram. *Dèng* respondeu a si mesmo: “O sobrenome dela era *Zī*, porque a máquina é produzida num país capitalista; mas agora ela é *Shè*, pois, ela está servindo ao socialismo” (Wang Jianfu, 2004, pp. 259-261).²¹

Ao tomar parte em discussões, ele frequentemente enfatizava: “Não importa com o sobrenome “*shè*” ou “*zī*”, o mais importante é poder desenvolver as forças de produtivas” (Wang Jianfu, 2004, pp. 259-261).²²

Tanto o provérbio do “gato branco e gato preto”, quanto “sobrenome é *Shè* ou *Zī*”, são bons representantes e indicadores do pensamento da “adaptabilidade”.

5 Conclusão

Esta ideia da “adaptabilidade” está expressa muito claramente no *Yijīng*: “Mutaçāo, qualquer circunstāncia, atingindo um limite, começará a mudar. A adaptaçāo, por sua vez, leva a um estado livre e, entāo, à continuidade” (Guo Yu, 2007, p. 381, Xici II)²³. “变” (*biàn*) é porque “muda-se a época, altera-se as circunstāncias”. “穷” (*qióng*) é encarar as dificuldades; ao se encarar dificuldades é necessário “*biàn*”, e só entāo se pode se livrar das dificuldades. O *Dàxué* (《大学》 Grande Ensino) diz: “Se você pode se renovar por um dia, faça-o diariamente e que haja renovaçāo diária” (Wang Guoxuan, 2006, p. 9).²⁴ Usando linguagem moderna, seria “estar de acordo com o próprio tempo”; *Dèng Xiǎopíng* disse: “Com o tempo, as práticas mudam, entāo a natureza dos problemas também está em ininterrupta mudançā. Uma vez que as coisas entāo sempre mudando, e mudando sem interrupçāo, o pensamento das pessoas deve sempre se adaptar a essas mudançās” (Deng Xiaoping, 1998, p. 105).²⁵

O interessante é que essa mentalidade “adaptável” dos chineses e a frase de Einstein, “O tempo é relativo e não pode ser medido exatamente do mesmo modo e por toda a parte”, convergem para os mesmos fins por meios diferentes. O pensamento da antiguidade e o da modernidade, do ocidente e do oriente, surpreendentemente, são muito próximos. Isso definitivamente merece nossa profunda reflexāo.

²⁰ “不管白猫还是黑猫，会抓耗子就是好猫。” O provérbio originalmente era “gato amarelo ou preto”, mas, depois por toda a China, as pessoas passaram a dizer “gato branco ou preto”.

²¹ Os ideogramas *Shè* (社) e *Zī* (资) compõem respectivamente as palavras “*shèhuìzhǔyì*” (socialismo 社会主义) e “*zīběnzhǔyì*” (capitalismo 资本主义). Deng usa “姓” (sobrenome) pois em chinês os sobrenomes vêm antes dos nomes próprios.

²² 不要管姓“社”还是姓“资”，重要的是要能够发展生产力 *Bùyào guān xìng “shè” háishì xìng “zī”, zhòngyào de shì yào nénggòu fāzhǎn shēngchǎn lì*

²³ 易，穷则变，变则通，通则久 *Yì, qióng zé biàn, biàn zé tōng, tōng zé jiǔ*

²⁴ 苟日新，日日新，又日新 *Gǒu rìxīn, rìrìxīn, yòu rìxīn*

²⁵ 因为世界事务，实践在变化，问题的性质也在不断变化；既然事物总是在变化，不断变化，人们的思想总得要适应这个变化。 *Yīnwèi shìjiè shìwù, shíjiàn zài biànhuà, wèntí de xìngzhì yě zài búduàn biànhuà; jìrán shìwù zǒngshì zài biànhuà, búduàn biànhuà, rénmen de sīxiǎng zǒng dēi yào shìyìng zhège biànhuà* (邓小平思想年谱 1975-1997, 页 105, 中央文献出版社, 1998)

Referências bibliográficas

- CONFÚCIO (孔子). 论语 (*Lun yu*) *Analectos de Confúcio*. Traduzido e comendado por Zhang Yanying (张燕婴). Pequim: Zhonghua shuju, 2006.
- DENG, Xiaoping (邓小平). 邓小平思想年谱 1975-1997 (*Deng Xiaoping sixiang nianpu 1975-1997*) *Biografia do pensamento de Deng Xiaoping 1975-1997*. Pequim: Departamento de Pesquisa de Documentos do Comitê Central do Partido Comunista, 1998.
- DENG, Xiaoping (邓小平). 邓小平文选 (*Deng Xiaoping wenxuan*) *Obras escolhidas de Deng Xiaoping*. Pequim: Renmin chubanshe, 1993-2010. 3 vols.
- DING Xiaoping (丁晓平). 邓小平和世界风云人物 (*Deng Xiaoping he shijie fengyun renwu*) *Deng Xiaoping e as personalidades do mundo*. Beijing: Zhongguo qingnian chubanshe, 2004.
- FERREIRA, A. B. H. (ed.). *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GUO, Yu (郭彧). 周易 (*Zhou Yi*) *O Livro das Mutações*. Pequim: Zhonghua shuju, 2007.
- HANFEIZI (韩非子). 韩非子 *Hanfeizi*. Tradução para o chinês moderno e comentários de Chen Bingcai (陈秉才). Pequim: Zhonghua shuju, 2007.
- HE, Yan (何晏); XING, Bing (邢昺); LI, Xueqi (李學勤); ZHU, Hanmin (朱漢民). 論語注疏 (*Lun yu zhu shu*) *Analectos*. Taipé: Taiwan guji, 2001.
- LI, Qi (李琦); LIANG, Pingbo (梁平波). 共和国领袖的故事 - 邓小平的故事 (*Gonghe guoling de gushi - Deng Xiaoping de gushi*) *História dos líderes da República - A história de Deng Xiaoping*. Hangzhou: Zhejiang renmin meishu chubanshe, 1994.
- LUSTIG, Robin. A land of curious contrasts. *BBBC News*. 15 March 2005. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/4351177.stm>>. Acesso em 23 de janeiro de 2016.
- MÊNCIO (孟子). 孟子 (*Menzi*) *Mêncio*. Comentado por Qi Liangde (戚良德) & Ma Qingjuan (马庆娟). Qingdao: Qingdao chubanshe, 2009.
- SIMÕES JR., José Geraldo. *O pensamento vivo de Einstein*. Pesquisa de texto e tradução: José Geraldo Simões Jr. São Paulo: Martin Claret Editores, 1986.
- WANG, Dasan (王达三). 马克思和孔夫子并非水火不相容 (*Makesi he Kongfuzi bingfei shui huo buxiangrong*) *Marx e Confúcio não são completamente incompatíveis*. Disponível em: <http://www.hh.cn/communist/theory_view/200812/t20081229_81432.html>. Acesso em: 26 de janeiro de 2016.
- WANG, Guoxuan (王国轩). 大学, 中庸 (*Daxue, Zhongyong*) *Grande ensinamento e doutrina do meio*. Pequim: Zhonghua shuju, 2006.
- WANG Huanbiao (王焕镛). 韩非子选 (*Hanfeizi xuan*) *Obras escolhidas de Han Feizi*. Shanghai: Shanghai renmin chubanshe, 1974.
- WANG Jiafan (王家范); XIE Tianyou (谢天佑). 中华古文明史辞典 (*Zhonghua guwen mingshi cidian*) *Dicionário da história da civilização chinesa antiga*. Hangzhou: Zhejiang Guji Chubanshe, 1999.
- WANG Jianfu (王建夫). 小平忠告 (*Xiaoping Zhonggao*) *Conselhos sinceros de Xiaoping*. Pequim: Zhongguo dang'an chubanshe, 2004.
- XIE Bingying (谢冰莹); LI Xian (李璠); LIU Zhenghao (刘正浩); QIU Xieyou (邱燮友). 新译四书读本 (*Xinyi sishu duben*) *Nova tradução dos Quatro Clássicos*. Taipé: Taibei sanmin shujuchuban, 1970.
- XUNZI (韩非子). 荀子校注 (*Xunzi jiaozhu*) *O Livro de Xunzi*. Comentado por Zhang Jue (张觉). Changsha: Yuelu shushe, 2006.
- ZUO, Qiuming (左丘明). 左传 (*Zuo Zhuan*) *Relação Auxiliar*. Tradução para o chinês moderno e comentários de Liu Li & Ji Lingyun. Pequim: Zhonghua shuju, 2007.